

Budapeste

Contava Zargtnischekbljimpvundowfyx (o j lê-se i) que a mentira salva a humanidade. Oriundo de Celje, na Eslovénia oriental, encontrámo-nos na estação ferroviária de Ljubljana, via Budapeste, onde se jubilava na semana seguinte, como professor de Línguas Eslavas. Eu vinha de uma longa busca e de Trieste, Italo Svevo no olhar; ele entrou, pediu licença e, sentando-se à minha frente, murmurava, em húngaro:

— A mentira!

Saboreava, entre aspirações — também da asma —, a frase curta, que entendi, sem me dar por achado. E, como eu não despegasse do italiano, continuou ele a murmurar contra a paisagem, até adormecer.

Observei-o minuciosamente, da nobreza de traços à melancolia do sono. E sorria-lhe, esfregando os olhos, quando despertou, na fronteira. Dirigiu-se-me em línguas suas; em húngaro, por fim. Escreveu, num bloco:

— Zargtnischekbljimpvundowfyx.

Agradei gentileza.

— O j lê-se i — disse, sério. — Mas basta Z, que logo percebem.

Eu só queria atravessar o passado até Praga, onde me despedia dos vitrais de São Vito. Deu-me a morada dos últimos dias, «até que o Z», acrescentou, «tome o lugar do X». Numa curva da conversa, ao abordarmos os transe da guerra que vivera a Jugoslávia, contradisse:

— A mentira perde-nos.

Não pedi explicação, nem entrevi ironia: Z atraía-me; enevoando os vitrais de São Vito. Decidi visitá-lo.

Vivia numa casa de pé alto, no bairro judeu, não longe da sinagoga, entretanto restaurada. Serviu-me de desculpa ter sabido desse restauro, porque só a visitara nos meus primeiros dias de Budapeste, e, quando tentei segunda vez, eternizava-se em obras. Com a desculpa, veio passado. Aí, Zargtnischekbljimpvundowfyx (— Perdão, Z.) abriu os braços:

— Mas eu conheci-o! Pois claro! Não se lembra de mim?
— Face ao meu exercício de dúvida, como quando adiamos o inevitável: — O Professor Sallai...

— No xadrez!

— E não só: também no estádio do Ferencváros ou no Népstadion.

Entrei naqueles braços, calorosos, como num reencontro. Sallai dirigia o Instituto Italiano; após as lides, reuníamos, aos três e quatro, para sessões de xadrez, até ao jantar. Aos sábados, íamos comer sementes de abóbora e assistir a dois jogos de futebol seguidos no Népstadion, Estádio do Povo. Anos bons, agora magoados pela ausência de Rózsa Zoltán, que me convidara para esse passado. Céus, o Professor! Era o Professor, nem Z, nem Zargtnischekbljimpvundowfyx. Imaginava que fosse italiano. Apurava-se a fazer massas, cozido, feijoadá — o que me enganou.

Falei de mim, e como decidira largar após um traumatismo craniano na fronteira austríaca.

— Foi o meu último ano. As confusões no amor ajudaram à partida.

— A quem o diz!...

Demorou em reticências, que me derrotavam.

— Os acasos são a graça da vida, meu amigo. Encontrámo-nos por acaso.

— Já ter vindo, há anos, foi um acaso. Conhecer, por interposta colega, quem me convidaria, mudou a minha vida.

— Estava longe de pensar que iria mexer com a minha...

Falámos da Universidade, da nova Europa, do custo de vida, das transformações da capital, que amávamos. E da mentira, que nos perde. Deu-me um repente: seria Zargtnischekbljimpvundowfyx título de ficção ou nome que, em ficção, se reduzia a Z, embora este não fosse original? Não era estranho que, enquanto professor, nunca ouvisse aquele alfabeto? Teria passado despercebido a colegas de xadrez e bancada? Olhei em volta, na esperança de lombadas que o denunciassem; nada. Teria de esperar pela jubilação, ou ia, no dia seguinte, ao departamento de Línguas Eslavas inquirir da personagem? Surpreendentemente, ouvi:

— Não que conheça, ou pudesse ler, os seus... exercícios. Desculpe: não é a palavra.

Também me parecia que não. Quem podia levar a mal esses *exercícios*, que eu abandonara na datação final do único livro?

O Professor dirigiu-se às estantes. Folheou um dos seus clássicos; e sentou-se, como se nada fosse, ou viesse confortado.

Elíptico, encolheu-se no sofá-cama, como eu tivera, na única assoalhada do passado. Imaginava quarto de dormir,

se não fossem estantes às dúzias, em vida de quase jubilado. Levantei-me; mas, como parei no meio da biblioteca, interpelou:

— Quer sair?

— Vou jantar. Estava perto, como lhe disse. Foi bom revê-lo.

— Aí está: só me reviu porque eu assim quis. Podia visitar-me e não me rever. Compreende? — Suspendi o fecho de correr. — Dê à ficção um conhecimento antigo, de acaso, em que se reveja, e tire da surpresa enigmas pessoais. Porque não se diz em vária luz, sem preceitos de verdade? Porque não explode, ferindo abecedários? — Corri o fecho. — Eu soube que escrevia. Nunca julguei poder lê-lo. Mas li. (— Ah!) Comovi-me. Fez-me bem. No comboio, deu ares a conhecido; Svevo associou-mo às tardes de xadrez e fumo...

— Charutavam.

— Vinham de Cuba, em vagas de fraternidade socialista e operária. Nem eram caros. Agora, são mais. — Vou saindo. — Restava aguardar. E desejar que voltasse aqui. Esteve cá uma vez. — De súbito: — Tem onde dormir?

O cortante da pergunta gelou-me. Titubeei:

— Deixei o saco na estação. Queria seguir...

— ... Viagem? Porque não fica uns dias? Que horários internacionais há agora?

— Não sei.

Esta dúvida era a pior resposta: eu nada sabia, nem decidira.

— Amanhã, pensa nisso. Tenho lá dentro um tabuleiro a apanhar pó...

— Não jogo desde essa época.

— ... E pode voltar comigo à Faculdade. Não gostava? — Outra guinada: — Melhor ainda: fique para a jubilação.

Havia, no pedido, excitação de verdadeiro amigo, como não fôramos antigamente. Eu teria estado ali? Sem amanhã, podia demorar. Uma semana não estava mal. Ficaria satisfeita a curiosidade inicial, além de cumprida a revisão aos lugares santos. Educadamente, agradei, que não queria incomodar, não incomodava nada, bom, aceitava, se aceitasse jantar comigo, após o que (— Não, antes. De acordo?), iríamos buscar o saco à estação.

Levou-me a restaurante eslovaco e bebemos em homenagem ao que fomos. Fizemos também a pé o caminho de volta — muitos professores não tinham automóvel, pela bondade dos transportes públicos e uma real crise financeira — e conduziu-me a quarto largo atabafado em estantes e outro sofá-cama, que desdobrou, antes de ir buscar roupa, toalhas e uns chinelos fanados.

— Há muitos, muitos anos que não fazia isto. Esteja à vontade.

— Obrigado.

— Deixo-lhe as chaves. Tenho outras no gabinete. Quer visitar-me, para almoçarmos? À uma. Durma bem.

Cansado de dúvidas, enfei-me logo no sono.

Voltar aos lugares onde fomos felizes torna-nos lentos. Sobretudo, quando perdemos vozes. Não podemos recompor os passos do corredor, a saudação de um rosto que amámos — como seria agora, se o reencontrássemos? —, a gentileza de um funcionário. Há crueldade no tempo que renova outros, na simpatia desta menina, pouco vestida e cheia de futuro, hirta de esperança, que me indica porta ao fundo, sem placa.

À esquerda, breve ajuntamento, e o meu anfitrião entre abraços. Já nem uma semana, claro; com a ida a Praga,

foram-se quatro dias; logo, é depois de amanhã, quinta-feira, a sua última lição, no anfiteatro que me ouviu também discorrer, em colóquio sobre cultura brasileira. Mas que diferença! Eu nunca terei última lição, sequer um balanço de passado que atropelou a jovem de há pouco, enquanto se voltava, duvidosa, fosse do meu olhar cinza, ou do sotaque.

O Professor descobre-me, em saudação que silencia: inquire se dormi bem, se foi fácil dar com a velha casa, se arrasto nostalgias, dessas que maceram o entendimento. A tudo respondo sim, mas a dor fina, de camada invisível, designa-se saudade, na certeza de que vivíamos férias a termo certo e que o esplendor acabava; desse sem-sentido vinha o espinho de ser, a rudeza do amanhã, a quebra do encantamento. Atingiria a jovem de sorriso verde?

O nosso curto diálogo não dava entrada aos circunstantes: por isso, estendeu a mão para quatro colegas, que me cumprimentaram, se lembravam de mim, de fora da Faculdade — em que eles pontificavam —, dos anos do realismo socialista, contra que lutavam em verso extenso e branco, por mim recolhidos numa antologia de novíssimos, pioneira, quando alguns nem tinham editado no seu país. Fora em 1985. Há quanto!...

Disseram os nomes: ah, claro. Recordava. O novo contexto transformava nomes vulgares em pepitas líricas de que me fizera porta-voz no glorioso Ocidente. Dois deles tinham uma dívida para comigo, que entrava nos seus currículos, nas tão secretas sessões de poesia, e convidavam-me para almoçar, não ia partir tão cedo, pois não?, oh!, após a última lição?!, ficasse uns dias, até à festa do livro, em que teriam o prazer subido (tradução aproximada) de me autografar a poesia completa.

Céus! Quantas vezes não sonhei com um volume assim, vasto, encadernado, em papel-bíblia, resumindo-me nesse espaço intemporal, e piedosa leitura de novas esperanças líricas... Saudei-os nessa limpeza de fim de vida, mas largava na sexta-feira.

Zargtnischekbljimpvundowfyx elogiou os outros dois, que se calavam frente aos colegas, galardoados poetas-professores. Um, de barba atormentada, era discípulo de Lukács György, cujo valor dos primeiros textos vinha reclamando. Concordei: *A Alma e as Formas* enchera-me as medidas; sobre a teoria do romance, e do romance histórico, diria o mesmo, mais importante aquele do que este, em final estalinizante.

O segundo também cursara Estética com Lukács, e fizera-se pau-mandado em enchentes ideológicas, redigindo discursos de Primeiro de Maio; abandonara-se, com o novo curso europeu, e pelintrava junto de amigos, que lhe davam umas pontas de vencimento, em tarefas de escravo. Agora, levava ali o manuscrito da última lição, que iria bater em computador, e entregava à hora de jantar, para que ele o convidava. Que não, tinha outros discursos de Primeiro de Maio para redigir, em função de velhos amigos, embora menos votados nas urnas, que conservavam núcleos de eleitores fiéis e desabitados da moderna linguagem neoliberal. Bom proveito, desejou. Despedimo-nos no longo corredor, já de saída para almoço, não para o gabinete que gostaria de conhecer.

Descemos à cantina, com reservado para professores, que o vinham abraçar, convidar para uma cerveja, contar uma piada, cumprimentar. A senhora da caixa, num loiro falso, saudou-me como se eu nunca dali tivesse saído: lembrava-se de mim, mesmo se só lá entrava com Rózsa

Zoltán, Pál Ferenc e, uma vez, com Simonffy András, que calçava ténis; em princípio, ia comer fora, mais caro, sendo ainda barato. Quis saber da minha vida, negligenciando a fila que se formava; disse-lhe que dava um romance, «Que bom!», falseteou. No sorriso de máquina registadora, desejou boa sorte, que almoçasse à vontade, alguém iria entregar a conta à mesa. De facto, servia-nos empregada; mantinham-se privilégios antigos. Escolhemos mesa de canto, para dissuadir cumprimentadores.

Z dedicara o fim-de-semana ao seu Zargtnischekbljimpvundowfyx. Não percebi bem, tão depressa dissera o nome. Soletrou, comprazendo-se. Acenou para quem não o saudava, o que o distraía de me responder.

A empregada, expedita e cheirosa, lapisava, mudando toalhetes, copos, talheres, pão, ementa. Colocava a minissaia à altura do meu nariz, e, se nos olhavam, talvez nem fosse pelo laureado mestre, ou pela súbita aparição de antigo leitor. Vazios de sentido, corri a pernilonga, seios compactos e perfeitos, lábios marcados, olhos de mel, palha de rebolar. Disse coisa em castelhano, a que acenei. O Professor respondeu em esloveno, com que se dobrou em fingida atenção; eu, por causa das línguas, exibia o ar mais sério deste mundo — e tinha vontade de um bom vinho.

Fomos, após o almoço, à cervejaria em frente, que nos obrigava a passagem subterrânea, onde pairava memória da cidade destruída, em fotografias da Segunda Guerra Mundial e brincadeiras de russos e nazis. Ao balcão, cabiam duas pessoas; bebia-se em fila, até à rua, e dois aproveitavam escada em caracol que levava a nenhures. Espumava o prazer, neste recanto; assim deveria ser — cheio, brilhando, entranhando-se profundamente — o labor intelectual do